

Lawrence Grossberg e os Estudos Culturais Hoje

Adriana Braga

Resumo

Lawrence Grossberg é professor da Universidade da Carolina do Norte (EUA) e um dos mais destacados expoentes dos Estudos Culturais Americanos, tendo trabalhado com Stuart Hall, Richard Hoggart e James W. Carey. Autor de *Mediamaking: Mass media and popular culture* (com Charles Whitney e Ellen Wartella, Sage Publishers, 1998) e *Caught in the Crossfire: Kids, Politics, and America's Future* (Paradigm Publishers, 2005), o professor Grossberg foi o conferencista principal da 22ª Reunião Anual da Compós, em Salvador, Brasil, em junho de 2013. Na presente entrevista, Lawrence Grossberg fala de suas influências e dos desafios atuais para uma perspectiva de estudos culturais.

Palavras-chave

Estudos Culturais. Teoria da Comunicação.

Adriana Braga: Professor Grossberg, fale-nos um pouco sobre seus passos iniciais na carreira acadêmica. Como decidiu ser acadêmico, onde estudou e quem mais o influenciou?

Lawrence Grossberg: *Comecei pelo desenvolvimento intelectual – no ensino médio – como fanático por ciência. Eu adorava tudo que fosse matemático e científico. Queria ser bioquímico e trabalhar no campo da genética, que estava emergindo rapidamente. Até participei de algumas pesquisas, embora como a pessoa de mais baixo escalão da equipe, por assim dizer, sobre RNA mensageiro. Então fui para a Universidade de Rochester no intuito de seguir essa trajetória. Seja por necessidade ou pelo acaso dos professores específicos com quem estudei, descobri duas coisas. Primeiro você tinha de memorizar um bocado – fórmulas químicas, por exemplo -, e nunca pude entender por que, já que estava nos livros didáticos e eu poderia procurá-las sempre que precisasse (isto foi muito antes dos PCs). Segundo, supunha-se que os cientistas lessem ciência e pouco mais. Mas*

Adriana Braga | adrianabraga@puc-rio.br
Professora no Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Editora da Revista E-Compós.

eu detestava memorização e tinha aspirações mais amplas. Estávamos em meados da década de 1960 e havia muita coisa acontecendo, e muito que eu queria ler. Levado pelo destino, descobri alguns professores maravilhosos de literatura, filosofia (Richard Taylor, Lewis Beck), e história (Hayden White, Loren Baritz), literatura comparada (Norman O. Brown) e religião (William Hamilton). Na minha mente, o trabalho deles parecia juntar-se formando um quebra-cabeças. Foi aqui que meus dois principais interesses – filosofia e a relação com a cultura (tanto filosofia quanto cultura popular) – tomaram forma. Redigi uma tese senior honors sobre música e contracultura – o início de minha carreira acadêmica, por assim dizer.

Já estávamos no final da década de 1960 quando me formei, e as escolhas tornavam-se mais restritas devido à guerra do Vietnã e à convocação para o serviço militar. Com a ajuda de uma Wilson Fellowship, meus professores me mandaram trabalhar – e permanecer discreto – em um recém-formado Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham, no Reino Unido. Eu não tinha ideia do que eram estudos culturais, e não sei se meus professores tinham, mas Richard Hoggart passara um tempo em Rochester e fizera amizade com alguns dos meus professores, de forma que eles estavam entre as únicas pessoas dos EUA que sequer sabiam da existência do Centro. Então lá estava eu no Centro. Cada estudante tinha de ter um projeto de tese; então decidi continuar minhas

investigações - com formação bastante deficiente, confesso – em música e contracultura. Eu estava tentando descobrir por que a música era tão importante e de que tipo de política se tratava. No Centro, trabalhei com Richard Hoggart e, mais de perto, com Stuart Hall – que teve e continua a ter profunda influência sobre meu trabalho, minhas ideias, minhas maneiras de pensar e meu entendimento da política. Stuart – junto com o coletivo, porque o esforço de inventar os estudos culturais foi colaborativo – ensinou-me a pensar a complexidade, ensinou-me que as ideias importam, e me ensinou o que significa ser um intelectual político. No Centro, comecei a perceber a natureza radical do projeto dos estudos culturais, como modo diferente de reunir ideias, pesquisa e política. É um projeto com o qual estou comprometido há mais de quarenta anos.

Para ser breve, direi que não permaneci discreto e me envolvi em protestos contra a guerra e estudantis. A seguir, saí da Inglaterra com uma comunidade anarquista de teatro itinerante de língua francesa, oriunda da Suíça, chamada Les Tréteaux Libres. Quando pude voltar aos EUA, tive vários empregos na cidade de Nova York até decidir retomar meu doutorado porque ficou claro que (1) a revolução não era iminente, e (2) todas as minhas paixões - música, política, leitura, falar – só se juntavam na posição de sujeito do professor. Então perguntei a Stuart aonde eu poderia ir para dar continuidade ao tipo de trabalho do Centro, e ele me disse que só conhecia uma pessoa que estava percorrendo o mesmo

caminho - James W. Carey, da Universidade de Illinois. Então me respondi com Jim e dei um jeito de entrar no programa que ele dirigia, que depois descobri chamar-se Instituto de Pesquisa em Comunicação (Institute for Communications Research), que estava entre as primeiríssimas instâncias acadêmicas de comunicação como campo, e, em Illinois, era radicalmente interdisciplinar (e portanto bagunçado, o que era ótimo). Jim foi meu outro grande mentor e exemplar de intelectual político. Com ele aprendi o que realmente significava fazer trabalho interdisciplinar, e como medir o valor de ideias em seu encontro com o mundo empírico. Seu trabalho se enraizava em pragmatismo (Escola de Chicago), antropologia cultural, estudos americanos e economia política (não marxista, mas canadense, como no trabalho de Harold Innis), e ele lutava pelo espaço do que chamou de estudos culturais e abordagem cultural da comunicação dentro da academia americana.

Tanto Stuart quanto Jim eram professores e oradores extraordinários – e não pode ser coincidência que o meio de escolha de ambos fosse o ensaio! Tenho certeza de que isto também me plasmou. Ambos eram comprometidos com o esforço de pensar sobre o mundo real - usando ferramentas teóricas sofisticadas sem serem guiados por elas - em toda sua especificidade e complexidade. Ambos acreditavam que o trabalho acadêmico importava (e acreditavam apaixonadamente nisto, como se fosse o cerne do seu ser), mesmo ambos entendendo que este

não pode operar no mesmo ritmo que a luta sociopolítica, mas talvez escrevessem ensaios precisamente devido a essa defasagem. Ambos eram movidos por um senso de compaixão e justiça – e esperança política – que sempre tentei manter. E ambos adoravam a docência e seus alunos, com os quais estavam absolutamente comprometidos. Jim faleceu alguns anos atrás, mas Stuart continua sendo meu mentor, e meu amigo.

Adriana Braga: As formulações teóricas “clássicas” dos estudos culturais foram elaboradas entre o final da década de 1960 e meados da de 1980, em um contexto político de Guerra Fria, direitos civis, movimentos antirracista e feminista, e essa conexão com o *Zeitgeist* eram uma característica que definia sua abordagem. Desde então, contudo, o mundo mudou muitíssimo com a globalização da economia e da cultura, e com o avanço de tecnologias da informação e comunicação que modificaram as práticas sociais e a maneira como vivemos. Como a perspectiva de Estudos Culturais pode nos ajudar a entender o cenário comunicacional contemporâneo?

Lawrence Grossberg: Esta é exatamente a pergunta que todos deveríamos estar fazendo. Os estudos culturais surgiram em um momento particular, embora aquele momento fosse material e vivencialmente distinto em diferentes lugares. Mesmo assim, havia determinadas características constitutivas que caracterizavam

as formações e processos de mudança social subsequentes à segunda guerra mundial – e às várias crises que vieram a seguir, culminando nas lutas econômicas, políticas e culturais dos anos 1960. Houve, nos meus termos, uma luta em torno das possibilidades emergentes da modernidade. Mas, ao emergirem, os estudos culturais tinham, e têm, duas dimensões: Williams refere-se a eles como o projeto e as formações. Acho que o cerne dos estudos culturais é um projeto – uma prática intelectual radicalmente contextual, antiuniversalizadora, comprometida com a complexidade, oposta a toda e qualquer forma de reducionismo, etc. Este projeto permanece constante no transcurso de vários momentos “conjunturais” ou contextuais. Mas as formações particulares - as lutas políticas e possibilidades em jogo, as perguntas que precisam ser feitas, os recursos teóricos e empíricos disponíveis para começar a construir respostas, todas essas coisas - têm de ser continuamente questionadas e reconstruídas de modos que façam com que os estudos culturais sejam responsáveis em relação a seu contexto. Os estudos culturais não são definidos por nenhuma formação em particular – da Inglaterra, do México ou da Colômbia, de Hall, Williams, Canclini ou Barbero, ou do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos. . . Estes são exemplares de tentativas de concretizar o projeto em resposta a demandas conjunturais particulares. Mas é importante lembrar que a redução da história ou ao antigo (tudo é o

mesmo) ou ao novo (tudo é diferente) é outra forma de redução: para os estudos culturais, o ponto de partida - e talvez de chegada- sempre é o antigo, o novo e o que é rearticulado. Só assim você pode começar a entender o contexto em sua complexidade e em suas relacionalidades.

Adriana Braga: Você disse que a pesquisa deve ser comprometida com reivindicações sociais políticas. Metodologicamente, como lidar com o viés das posições pessoais, como evitar compor um panfleto ao invés de uma pesquisa?

Lawrence Grossberg: Mais uma ótima – e importante - pergunta, especialmente porque, na minha opinião, muitíssimos intelectuais progressistas sucumbiram à tentação de produzir panfletos e diatribes políticas como se fossem trabalhos acadêmicos. Isto não quer dizer que esse tipo de trabalho não possa ser intelectual ou perspicaz, mas, para mim, a verdadeira marca do acadêmico-intelectual é que ele/ela está sempre aberto à possibilidade de estar errado. E mais, ele/ela tem sempre o olhar atento a alternativas e contradições teóricas e políticas e a evidências empíricas, lacunas, lugares onde seu relato não funciona. Acredito que, hoje, muitíssimos intelectuais são levados a gerar relatos do mundo com base em posições teóricas, éticas e às vezes políticas com as quais estão comprometidos. Acho que é importante não levarmos nossas teorias ou nossa política a nos dizerem, de antemão, quais podem ser as respostas

a nossas perguntas. As teorias e a política podem definir as perguntas que podemos e até as que devemos fazer. Meus próprios compromissos políticos e minhas próprias percepções não testadas do que está acontecendo levam-me a fazer certas perguntas, mas dirijo-as ao mundo, por assim dizer, e o mundo tem o poder de dar uma resposta. Ele pode me dizer que entendi errado, que há melhores relatos do que está acontecendo do que eu supus; pode me dizer que o meu relato é incompleto em termos profundos e importantes; pode me dizer que a própria pergunta está fora de lugar; ou foi feita de forma inadequada; pode me dizer que meus conceitos teóricos são inadequados para a tarefa que empreendi, ou que minha teoria está me cegando a dimensões e contraevidências importantes. Não tenho a intenção de falar como um positivista ou empirista ingênuo, mas, ao mesmo tempo, não acho que estejamos no comando do mundo (natural e social) e, como intelectuais, nossa responsabilidade é contar a melhor história, fornecer o melhor relato, do que está acontecendo, usando os melhores recursos (ferramentas de pesquisa, conceitos teóricos) disponíveis. Então a política impulsiona minha caminhada intelectual: Faço isto porque acho que as ideias importam e penso que são necessários melhores entendimentos do mundo para tentar orientar as trajetórias e forças de mudança. Portanto, a política também está no final da minha pesquisa e, para mim, precisamente, um dos aspectos do que quero dizer com trabalho “melhor” é precisamente se e como este abre possibilidades políticas de luta e mudança - se não posso ver formas e pontos de luta

que não vi antes. Mas, enquanto isso, quer isto seja totalmente possível ou não, acredito que temos de lutar para deixar de lado nossa política, nossos pressupostos e desejos políticos, e submeter-nos aos rigores e exigências da conjuntura.

Adriana Braga: Desde suas origens, no final da década de 1960, os estudos culturais deram muita atenção a questões de raça, classe e gênero, assim abordando os problemas sociais tratados pelos movimentos feminista, marxista, de direitos civis e negro. Como o senhor vê a pertinência destes conceitos chave hoje, considerando a globalização econômica e cultural, o surgimento de ambientes digitais e os múltiplos desenvolvimentos teóricos que cada um deles teve até agora, tais como a teoria queer, minorias étnicas e estudos pós-coloniais?

Lawrence Grossberg: Você está, sem dúvida, acertando nas perguntas mais prementes e difíceis. Você tem razão em dizer que os estudos culturais têm dado muita atenção a questões de populações marginalizadas e subordinadas, a questões de identidades e diferenças, e, por um tempo, foram facilmente (porém erradamente) caricaturados como estudo de “raça-classe-gênero” (Fred Jameson acrescentou, com a cultura popular), acho que isto tem de ser entendido em relação a pelo menos duas determinações. Primeiro, embora boa parte dos estudos culturais no Reino Unido (mais do que

nos EUA ou no Canadá e talvez na Austrália) começou em resposta à teoria marxista e com base nela (se estavam ou não fundamentalmente comprometidos com o marxismo é outra história), a questão nunca se centrou nos públicos particulares, mas em (1) entender as complexidades das operações de poder, das relações de dominação e subordinação, de distribuição desigual de recursos e capacidades) – queria, e ainda quer, ir além de qualquer forma de reducionismo segundo a qual toda a configuração das desigualdades e de poder pode ser explicada como classe, ou em termos econômicos, ou em... de forma que estava tentando abrir as capacidades de trabalho crítico para abarcar as complexidades do poder. Segundo, sempre referiu-se a conjunturas específicas, e as análises dessas conjunturas são articulações complexas de forças, lutas, etc. que existem em muitas relações, que são às vezes contraditórias, com diferentes espacialidades e temporalidades. Procura, ao contar outra, uma história melhor sobre o que está acontecendo para ver que lutas estão ocorrendo, como podem ser travadas de forma eficaz, e talvez até abrir âmbitos de lutas e estratégias. Não há dúvida de que, após a Segunda Guerra Mundial, especialmente nos Estados desenvolvidos do Norte, as questões de raça, gênero, direitos civis, etc., foram âmbitos importantes de análise e luta. Mas, ao contrário de algumas outras formações intelectuais políticas, os estudos culturais nunca foram uma expressão direta nem assumiram a responsabilidade

por alguns públicos predefinidos. A maneira como os estudos culturais - juntamente com algumas outras formações – assumiram essa luta foi indagar qual é a melhor forma da questão, e da luta. Assim como outros, os estudos culturais se opuseram a noções essencialistas de identificação e apresentaram teorias da diferença e interpelação. No entanto, ao contrário de algumas outras formações, os estudos culturais nem tratavam nem de uma teoria universal do minoritarismo, nem apresentaram uma teoria universal da diferença. Ofereceram uma teoria conjuntural, dizendo: nesta conjuntura, estas lutas são cruciais e até, sob muitos aspectos, determinantes, estão no centro das lutas mais abrangentes pela reconstrução da formação social em sentido amplo. É esta especificidade conjuntural das intervenções tanto teóricas quanto políticas que faz a singularidade dos estudos culturais.

Obviamente, questões de formações de gênero e racial e suas articulações pelo poder e com o poder não desapareceram. Mas foram rearticuladas e redesenvolvidas, rearticuladas por e com outras formas de prática, eventos, estruturas, etc. Nunca alguém pôde entender raça e gênero independentemente de questões econômicas, mas também nunca foi possível explicá-los totalmente em termos econômicos. Também não poderiam ser entendidos separados das maneiras como eles mesmos se articularam um com o outro,

um ganho de muitas maneiras diferentes, em lugares diferentes dentro de uma conjuntura e atravessando diferentes conjunturas. O mundo mudou em muitos sentidos nos últimos cinquenta e sessenta anos, e as conjunturas específicas em que o acadêmico da área de estudos culturais pode trabalhar foram profundamente reconfiguradas. Isto não significa que tudo seja novo e sem precedentes, mas significa que novas questões, novas articulações, novas relações, novas forças, novas práticas de poder e resistência terão de fazer parte da história que contamos. Hoje dispomos de novas ferramentas teóricas, embora não devamos nos apressar em jogar fora as antigas ferramentas nem os antigos projetos críticos. Novas questões adquiriram visibilidade (embora muitas delas já existam há muito tempo e possam ter sido visíveis, e até importantes, para outros que se encontravam em diferentes lugares e/ou em diferentes conjunturas. Relações, práticas e formações econômicas mudaram (não totalmente, não fazendo desaparecer as antigas, mas modificando-as), questões de relações entre modernidade e colonialismo, ou etnia e populações agrárias, de sexualidade e modalidades e práticas sexuais-sociais, novas formas de comunicação e novas formações de cultura popular, novas estruturas do sentir e novas práticas de poder tanto ideológico e afetivo como até biopolítico vieram para o primeiro plano. Tudo isto faz parte de uma análise conjuntural (ninguém disse que o trabalho intelectual crítico deve ser fácil). Assim, as questões de raça e gênero não desapareceram, mas as formas como as colocamos, as formas

como as abordamos e entendemos dentro do contexto mais amplo têm de ser consideradas na conjuntura em mutação. A conjuntura é mais complicada agora do que antes? Não sei – acho que provavelmente não tem tantas complicações novas quanto supomos, assim como o passado não era tão descomplicado quanto tendemos a supor. Provavelmente é verdade que agora há formas (lugares) mais visíveis e importantes de entrada na conjuntura, mas esta é uma afirmação diferente. De fato, hoje necessitamos algumas ferramentas novas para lidar com o mundo – algumas dimensões (p.ex., afeto, queer-dade, colonialismo) tornaram-se tão poderosamente visíveis e desconcertantes, ou até perturbadoras, que precisamos encontrar ferramentas melhores que as anteriores para lidar com elas tanto como articulações quanto como forças articuladoras. Mas devemos procurar – não estamos nos saindo bem nisto – não reproduzir as teorias binárias pós-modernas, que suscitam debate, teorias históricas de ruptura e teorias que se supõem ser radicalmente emergentes.

Adriana Braga: *Pode nos falar sobre seus atuais projetos e interesses de pesquisa?*

Lawrence Grossberg: *Meu atual trabalho – projetos e interesses. Para ser sincero, estou lutando para decidir aonde quero ir. Estou preso entre diversos temas e conceitos, entre escrever algo mais político e algo mais filosófico. Ainda estou lutando para encontrar – o que sempre procuro – uma pergunta que*

articule as interseções de minhas paixões e meus medos. Sei que o afeto (estrutura do sentimento) estará no centro. Há mais de trinta anos argumento que a política estadunidense tornou-se cada vez mais afetiva – trabalha com base em humores, sentimentos, etc., e os usa para (às vezes) inventar compromissos ideológicos. Isto agora é ainda mais claro para mim. No entanto, para seguir esta linha, tenho de argumentar que a estrutura do sentimento é uma formação complexa e contraditória, ou melhor, uma dimensão com múltiplas formações que fazem interseção com outras dimensões de vidas sociais e materiais, e que esta complexidade é articulada com as complexidades das formas e dispersões de crises (tanto micro quanto macro) que estamos vivendo. Também é interessante pensar sobre a maneira como o conceito evolui (em Raymond Williams, por exemplo) de uma espécie de estrutura expressiva da totalidade para uma descrição do emergente como experiências e afetos ainda não articulados e inarticuláveis.

Acho que ansiedade, humilhação e fanatismo tornaram-se vetores ou estruturas afetivas muito potentes nos EUA de hoje, e quero entender algo mais a respeito do que são, como se conectam e como foram produzidos e assumidos. Mas há uma questão mais profunda em jogo. Alguns dos primeiros trabalhos britânicos sobre o thatcherismo perguntavam, às vezes implicitamente, por que as pessoas estavam apoiando candidatos (conservadores

thatcheristas) mesmo se não concordavam com sua política. Trata-se, sob certos aspectos, de uma rearticulação da velha pergunta marxista: por que as pessoas agem de formas que favorecem sua própria exploração contínua? O trabalho dos estudos culturais britânicos fez muito para descrever o trabalho ideológico envolvido, mas quero dar continuidade ao trabalho afetivo envolvido – a considerar como diferentes formas de consentimento são, elas próprias, construídas. Afinal, é só desta maneira que podemos começar a entender as experiências de desaprovação e indignação que são expressas, em relação às quais o homem (tanto à direita quanto à esquerda) atua em vários movimentos e iniciativas, mas também que são registradas e vividas dentro de formas de resignação e passividade, mesmo se também de esperança.

Nos EUA, a origem da atual virada conservadora e o sucesso do Partido Republicano (levando a uma crescente plutocracia muitas vezes ligada, de forma intransigente, a formas socialmente conservadoras, evangélicas e novas de antiintelectualismo) muitas vezes é ligada a Richard Nixon – mas há pelo menos duas leituras desta estratégia, ou talvez devêssemos dizer que há pelo menos duas estratégias: uma – a chamada “estratégia do Sul” – era explicitamente racista e procurava atrair brancos pobres e de classe trabalhadora, afastando-os do Partido Democrata (sobretudo do Sul, mas não só); a segunda coloca o rural (pessoais “comuns”) contra a elite

culta cosmopolita. Estas duas redivisões (reimaginação) do público estadunidense estão relacionadas entre si, mas não são idênticas. A pergunta sem resposta parece-me ser: sim, mas por que deu certo? Por que tiveram tanto sucesso? A resposta, acho eu, levanta outras perguntas afetivas e depende de uma experiência afetiva para a qual não há nome – é uma espécie de descontentamento, insatisfação, uma organização de pessimismo (expressão de Benjamin), um mal-estar, mas estes não são suficientemente específicos. Acredito que podemos pensar nisto como uma melancolia conjugada no tempo do futuro do pretérito, ou uma nostalgia por um presente que nunca existiu. É um mundo afetivo no qual o único fato afetivo fundamental é que não se supunha que ele fosse assim – simplesmente dá a sensação de não estar certo. Acredito que muito depende de nossa capacidade de entender e articular este afeto social fundamental.

Este esforço em apresentar uma análise (sem dívida mais conceitual do que microempírica, dadas as minhas próprias propensões) de uma política afetiva está em forte contraste com as formas cada vez mais “charmosas” de “política afetiva” que estão sendo lançadas, muitas vezes repercutindo posições que eu pensava estarem há muito desacreditadas (pós-moderna, reducionista, determinista), nas quais o afeto é de fato ontologizado, economicizado e biologizado. Muito desse trabalho depende de certos fatos filosóficos que surgem a partir

da década de 1960 na filosofia francesa e italiana. Deleuze talvez seja o significativo mais comum destes fatos, embora muitos deles se apresentem como anti-Deleuzianos. Devemos mencionar a figura de Spinoza, entre muitos outros, inclusive Nietzsche, Bergson, Whitehead, Simondon, James, etc., que também são referentes comuns. Estas filosofias enfatizam processo e mudança, imanência, multiplicidade, afeto, etc., contra filosofias de identidade e diferença, transcendência, representações, organização, etc. Na verdade, como escrevi, concordo com muitas das posições e argumentos filosóficos aqui – pois acho que nos oferecem um modo de começar a pensar além ou fora dos limites das euromodernidades, e de procurar outras formas de modernidade, outras maneiras de ser moderno e outras maneiras de pensar de outro modo. Mas acho que, ironicamente, esses argumentos muitas vezes acabam reproduzindo a própria lógica binária que com frequência procurar superar. Penso que, em grande medida, isto resulta de leituras des-historicizadas desses filósofos (especialmente Spinoza), de um medo (europeu?) de que qualquer esforço em buscar a organização (unidade), mesmo junto com a multiplicidade (em vez de identidade e diferença), está sempre fadado a fracassar e a tornar a cair no fascismo, e portanto, eles sonham com um mundo sem poder, por assim dizer. Acho que estes problemas muitas vezes são obscurecidos pela fusão de múltiplos sentidos de imanência, por um deslizamento entre

vários registros de afeto (que apaga a relação complexa entre filosofia e análise social, ética e política, conceitos e empiricidades, etc.), e mais. Eu gostaria de explorar esses argumentos, não a título argumentativo nem para reinscrever o dualismo até mais fortemente, mas para pensar sobre outras possibilidades de teorização de multiplicidade e imanência juntamente com política social, sem cair em formas de reducionismo.

Por fim, quero tentar esgotar esses argumentos de algum modo pensando sobre a noção de uma política contracultural e sua relação com o popular, tanto como momento histórico quanto como possibilidade de contrapolítica.

Infelizmente, ainda não imaginei como fazê-lo, mas estou trabalhando nisto. Ninguém nunca disse que os estudos culturais seriam fáceis, que o caminho seria traçado de antemão por compromissos teóricos ou políticos. Os estudos culturais (pelo menos no meu trabalho) sempre se dedicaram a encontrar melhores maneiras de fazer perguntas e melhores modos de reconfigurar as possibilidades de mudança social enquanto se tenta colocá-las e as responder.

Adriana Braga: Quais foram suas impressões de sua recente visita ao Brasil?

A sua última pergunta é a mais difícil – e a que eu gostaria de adiar. Minha visita a Salvador (não posso dizer que visitei o Brasil)

foi breve demais, teve compromissos demais, e muitíssimo restrita por minhas próprias limitações linguísticas e culturais. Tive numerosas conversas maravilhosas, mas sei que muitas delas poderiam ter continuado se não fossem o tempo e o idioma. E sei que muitas conversas não aconteceram – por diversos motivos – e eu gostaria que tivessem acontecido. Estou só começando a entender os hibridismos peculiares do trabalho intelectual – a forma como perguntas, autores, conceitos, etc., são assumidos (muito do que foi dito muitas vezes me parecia familiar) -, mas também suas formas diferentes de inflexão, de falar de outro modo, por assim dizer, de modo que muitas vezes eu sabia que estava acontecendo outra coisa (outros argumentos teóricos, outros autores, mas também outras realidades empíricas, outros desejos sociais, outras histórias e outras multiplicidades), eu sabia que só estava entendendo uma parte da riqueza do que me estava sendo dito. Eu gostaria de ter sido capaz de ouvir mais, e de entender mais (os dois não são sinônimos). Eu gostaria de ter sido capaz de fazer as conversas retrocederem para conseguir ver a partir de onde as pessoas estão falando (material, política e intelectualmente), assim como tive a oportunidade única de mostrar como e por que cheguei onde estou.

No meio de tudo isso, algumas coisas ressoam constantemente: que havia mais coisas acontecendo aqui - conversas, esperanças e temores, e ideias – do que eu podia

perceber. Há muitas coisas interessantes acontecendo no mundo (infelizmente, a maioria das que estão acontecendo nos EUA é quase sempre assustadora). Ouvi falar do Brasil como lugar de lutas culturais, intelectuais e políticas que tinham pouco a ver com o que a mídia (até a mídia progressista) está disposta ou é capaz de articular. No final de minha tão breve visita, comecei a ver formas de esperanças e também formas de desespero diferentes das que esperava, ou talvez até das que estou acostumado a ver. Hoje é um clichê as pessoas do hemisfério Norte dizerem que as lutas e cenas políticas mais interessantes estão ocorrendo no Sul, especialmente na América do Sul. Sei o que isto parece quando escrito, e sei um pouco como soa quando as pessoas se deixam empolgar em suas conversas sobre ideias e sobre política. Isso é diferente. Acho que foi Foucault, citando Kant, quem disse que as pessoas mais importantes na revolução nunca são as que a fazem concretamente, e sim as que observam e tentam entendê-las, as que enfrentam suas exigências no contexto de sua própria vida presente e futura. Sem romantizar demais minha visita, acho que vislumbrei isto. (Se eu tivesse

ficado mais algumas semanas, esperando as manifestações...)

A outra coisa que levei de Salvador (além, é claro, do puro prazer da paisagem, dos sons, dos sabores, das palavras e das pessoas) foi minha própria convicção, que, acho eu, é menos clichê, de que o trabalho mais interessante em comunicação e política, e em estudos culturais, está sendo feito no Sul. Deve haver muitas razões para isto, mas Solzhenitsyn talvez estivesse certo ao dizer que os pensadores e artistas precisam sentir a distância a ser percorrida entre o diagnóstico de onde estão e o sonho de onde podem estar. Agora parece clichê. Peço desculpas. Afinal, não sei por que, nem sei se é generalizável, mas acho que boa parte dos estudos culturais do Sul é feita com paixão e humildade, o que os torna potencialmente mais empolgantes e mais úteis. Desde que continuem a negociar suas complexas relações – as múltiplas semelhanças e diferenças, as responsabilidades e obrigações – com seus vizinhos do Norte, que propiciaram e restringiram suas vidas intelectuais. Eu só gostaria que nós, no Norte, conseguíssemos saber como também fazer isto.

Lawrence Grossberg and Cultural Studies Today

Abstract

Lawrence Grossberg is a scholar at the University of North Carolina (USA) and one of the most prominent exponents of American Cultural Studies, having worked with Stuart Hall, Richard Hoggart and James W. Carey. Author of *Mediamaking: mass media and popular culture* (with Charles Whitney and Ellen Wartella, Sage Publishers, 1998) and *Caught in the Crossfire: Kids, Politics, and America's Future* (Paradigm Publishers, 2005), in June, 2013, professor Grossberg has been the Keynote Speaker of the 22nd Annual Meeting of Compós, in Salvador, Brazil. In this interview, Lawrence Grossberg speaks of his influences and of contemporary challenges for a cultural studies perspective.

Key words

Cultural Studies. Communication Theory.

Lawrence Grossberg y los Estudios Culturales hoy

Resumen

Lawrence Grossberg es profesor en la Universidad de Carolina del Norte (EE.UU.) y uno de los máximos exponentes de los estudios culturales estadounidenses, trabajando con Stuart Hall, Richard Hoggart y James W. Carey. Autor de *Mediamaking: Mass media and popular culture* (con Charles Whitney y Ellen Wartella, Sage Publishers, 1998) y *Caught in the Crossfire: Kids, Politics, and America's Future* (Paradigm Publishers, 2005), el profesor Grossberg fue el conferencista principal de la 22ª Reunión Anual de Compós en Salvador, Brasil, en junio de 2013. En esta entrevista, Lawrence Grossberg habla de sus influencias y los retos actuales para la perspectiva de los estudios culturales.

Palabras-clave

Estudios Culturales. Teoría de la Comunicación.

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.16, n.2, maio/ago. 2013.

A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Alberto Carlos Augusto Klein, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Alex Fernando Teixeira Primo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Gruszynski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Silvia Lopes Davi Médola, Universidade Estadual Paulista, Brasil
André Luiz Martins Lemos, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Ângela Freire Prythton, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Antonio Carlos Hohlfeldt, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Antonio Roberto Chiachiri Filho, Faculdade Cásper Líbero, Brasil
Arlindo Ribeiro Machado, Universidade de São Paulo, Brasil
Arthur Autran Franco de Sá Neto, Universidade Federal de São Carlos, Brasil
Benjamim Picado, Universidade Federal Fluminense, Brasil
César Geraldo Guimarães, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Cristiane Freitas Gutfreind, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Denilson Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Denize Correa Araujo, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
Edilson Cazeloto, Universidade Paulista, Brasil
Eduardo Peñuela Cañizal, Universidade Paulista, Brasil
Eduardo Vicente, Universidade de São Paulo, Brasil
Eneus Trindade, Universidade de São Paulo, Brasil
Erick Felinto de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Florence Dravet, Universidade Católica de Brasília, Brasil
Francisco Eduardo Menezes Martins, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
Gelson Santana, Universidade de Anhembi/Morumbi, Brasil
Gilson Vieira Monteiro, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Gislene da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Guillermo Orozco Gómez, Universidad de Guadalajara
Gustavo Daudt Fischer, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Hector Ospina, Universidad de Manizales, Colômbia
Herom Vargas, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
Ieda Tucherman, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Inês Vitorino, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Janice Caiafa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Jay David Bolter, Georgia Institute of Technology
Jeder Silveira Janotti Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
João Freire Filho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
John DH Downing, University of Texas at Austin, Estados Unidos

José Afonso da Silva Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
José Carlos Rodrigues, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
José Luiz Aídar Prado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Juremir Machado da Silva, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Laan Mendes Barros, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Lance Strate, Fordham University, USA, Estados Unidos
Lorraine Leu, University of Bristol, Grã-Bretanha
Lucia Leão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Luciana Panke, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Luiz Claudio Martino, Universidade de Brasília, Brasil
Malena Segura Contrera, Universidade Paulista, Brasil
Márcio de Vasconcellos Serelle, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil
Maria Aparecida Baccega, Universidade de São Paulo e Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Maria das Graças Pinto Coelho, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Luiza Martins de Mendonça, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Mauro de Souza Ventura, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Mauro Pereira Porto, Tulane University, Estados Unidos
Nilda Aparecida Jacks, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Paulo Roberto Gibaldi Vaz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Potiguara Mendes Silveira Jr, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Renato Cordeiro Gomes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Robert K Logan, University of Toronto, Canadá
Ronaldo George Helal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rosana de Lima Soares, Universidade de São Paulo, Brasil
Rose Melo Rocha, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Rossana Reguillo, Instituto de Estudios Superiores del Occidente, Mexico
Rousiley Celi Moreira Maia, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Sebastião Carlos de Moraes Squirra, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Sebastião Guilherme Albano da Costa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Simone Maria Andrade Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Tiago Quiroga Fausto Neto, Universidade de Brasília, Brasil
Suzete Venturelli, Universidade de Brasília, Brasil
Valério Cruz Brittos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Valerio Fuenzalida Fernández, Puc-Chile, Chile
Veneza Mayora Ronsini, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Vera Regina Veiga França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Adriana Braga | Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Felipe Costa Trotta | Universidade Federal Fluminense, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Alexandre Barbalho, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Ana Carolina Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Gruszynski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Arthur Ituassu, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Claudia Lahni, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Francisco Paulo Jamil Marques, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Jiani Bonin, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
José Luiz Braga, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Leonel Aguiar, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Luciana Panke, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Marcelo Kischinhevsky, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Raquel Paiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Sandra Rubia da Silva, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

EDIÇÃO DE TEXTO E RESUMOS | Susane Barros

SECRETÁRIA EXECUTIVA | Juliana Depiné

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Roka Estúdio

TRADUÇÃO | Sieni Campos

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Eduardo Morettin

Universidade de São Paulo, Brasil

eduardomorettin@usp.br

Vice-presidente

Inês Vitorino

Universidade Federal do Ceará, Brasil

ines@ufc.br

Secretária-Geral

Gislene da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

gisenedasilva@gmail.com